

## UM OLHAR SOBRE A DINÂMICA INCONSCIENTE NA ESCOLHA DE PARCEIROS PARA A VIDA ADULTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Giulianna Torres Rodrigues; Monique de Lima Santana; Nívia Alves da Silva; Silvia Maria Cristovam Barbosa; Ana Márcia Tenório de Souza Cavalcanti.

Universidade Federal de Pernambuco. [giuli.torres.tr@gmail.com](mailto:giuli.torres.tr@gmail.com)

**Resumo:** O presente relato trata sobre impressões registradas por leitura complementar e durante estágio em setor de Terapia Familiar do Hospital das Clínicas - Pernambuco. Abordando os problemas que surgem ao longo da convivência a dois, possivelmente sendo reflexo de questões de convivência com a sociedade ou, mais provável, porque tendemos a escolher alguém que se assemelhe aos nossos pais ou cuidadores. Inconscientemente, buscamos em outra pessoa o amor e cuidado repassados por pessoas que os fizeram quando éramos crianças. Pudemos acompanhar, em algumas sessões, o tratamento de traumas que não conduziam casais a relacionamentos satisfatórios, fazendo com que entendessem e buscassem neutralizar fatores desta má convivência. Visto que quanto mais se sabia dos problemas causadores do declínio da relação, mais engajados para dar seguimento no tratamento e unidos, o casal estaria.

Palavras-chave: Terapia Familiar, Convivência, Casal, Relacionamentos Satisfatórios.

Quebra da seção contínua.

**Introdução:** Este relato tem como objetivo entender um pouco sobre como ocorre a dinâmica no processo de escolha dos parceiros, como nos identificamos com alguém, porque nos identificamos com esse indivíduo, e o que está por trás desta escolha que fazemos inconscientemente.

Podemos identificar-nos com coisas boas do indivíduo, mas podemos, também, outras vezes, nos identificarmos com os problemas que se apresentam no outro. Porém reconhecemos como nosso, pois, em algum momento da nossa vida, já passamos por

aquilo que o outro está passando e tendemos a nos colocar no lugar dele. Neste caso observamos a escolha que o indivíduo faz, onde este anula o objeto, ou seja, a pessoa com quem iria se identificar e dá uma total importância ao sintoma do mesmo, se identificando com o sintoma e não com o objeto. A Psicologia chama este fato de empatia (Freud 1921).

Sobre o casal em análise: o casal tinha uma diferença grande de idade (ela 24 anos e ele 41 anos). O marido descontava na esposa problemas que sempre teve com sua mãe.

Nunca conseguiu se relacionar bem com a genitora e se sentia rejeitado. Já a esposa, sempre teve boa relação com os pais, apesar de falar que seu pai era muito ríspido com sua mãe e com os próprios filhos. A esposa relatou que não estava suportando o modo como era tratada – principalmente depois da chegada da filha deles (com apenas seis meses). Pois, em todas as discussões, o marido se exaltava e acabava fazendo com que a criança chorasse. Possivelmente, a busca do marido foi inconscientemente buscando características da esposa que não teve no passado. Já a esposa, buscou no marido características e semelhanças de seu pai – além da tomada dos problemas dele. Neste caso, o “sintoma” buscado pela esposa era por ter tomado pra si o problema que o marido trazia consigo. Era se sentir responsável por ser a mulher/mãe que o marido não teve na infância. Enquanto o marido não conseguia focar no “objeto” (esposa) por conta de traumas trazidos desde a juventude e se sentir rejeitado, o que atrapalhava a boa relação do casal.



Para que a identificação seja parte integrante e normal do desenvolvimento da criança, tanto o ambiente, quanto os cuidados passados para esta, devem ser moldados a cada fase em que vive, satisfazendo às suas necessidades primordiais relevantes ao período em que está passando. Mas estes cuidados não podem ser exagerados e nem diminuídos/ausentes. A

criança necessita de um pai presente para que se identifique com este e de uma mãe que a proteja e que ao mesmo tempo não seja tão sedutora, ou seja, a mãe não deve disponibilizar um cuidado extremo para a criança, impondo, também, quando necessário, limites para sua formação.

Se este ambiente inicial for alterado, não haverá um processo nas condições normais para o desenvolvimento sadio da criança, o que fará com que a estrutura do indivíduo cresça com resíduos de problemas não resolvidos e necessidades que não foram totalmente satisfeitas (Bee 1997).

O marido, claramente tinha resíduos de problemas não resolvidos com a mãe. Emocionou-se várias vezes ao falar dela e da morte de seu pai – pois estavam brigados quando aconteceu. Quanto às necessidades que não foram satisfeitas, o marido sobrecarregava a mulher a ser não só esposa, dona de casa e trabalhadora, mas ser mãe – da filha, obviamente, e dele – suprimindo tudo o que lhe faltou na infância. Sempre questionado durante a terapia com perguntas do tipo: “Mas você entende que sua mulher não tem relação nenhuma com sua infância?”, “O que sua mãe não pode lhe dar que você encontrou na sua esposa?”, “Você acredita que o casamento de vocês ainda tem solução se você parar de olhar pra trás?”. Pudemos perceber que o homem ia se engrandecendo por várias situações, sempre rebatendo na defensiva, mas muito reflexivo durante sessão.

A identificação pode ser evolutiva, pois a criança vai adquirir em seu comportamento um valor de reforço secundário, sendo este a capacidade da criança auto reforçar a repetir o comportamento do pai ou da mãe. Seguindo traços de características físicas ou modo de falar, se vestir e se portar diante de outras pessoas. Pode ocorrer também à identificação defensiva, quando a criança está sendo

ensinada a viver em sociedade, e as exigências pessoais internas dos pais são passadas para o filho, a criança então forma sentimentos de punição, agressão, raiva, gerando um conflito interno e interiorizando estes padrões, formando, assim, um traço de caráter rígido (Rappaport 1981).



O indivíduo se identifica com características que se tornaram importantes para ele no decorrer da vida. Estas identificações podem ser provenientes de projeções de questões pessoais que identificamos no outro e podem ser de introjeções do outro que são muito valorizadas por nós. Ou seja, temos duas formas específicas de amar ao outro: a primeira é buscar, na outra pessoa, características que façam com que se assemelhem a nós mesmos e a segunda são buscar características que valorizamos em outra pessoa – absorvendo elas.

Ocorrem processos diferentes em relação ao homem e à mulher no processo de escolha do objeto - cônjuge. O amor objetual é propriamente masculino, pois a libido é sempre masculina e sempre ativa. O primeiro objeto de amor será a mãe a quem ele irá investir sua libido.

Para o gênero feminino, na puberdade, o desenvolvimento dos órgãos genitais intensifica o próprio narcisismo da criança, quando ocorre um investimento grande de energia libidinal, que é até prejudicial depois para um desenvolvimento normal e uma escolha de objeto sadio na vida adulta da menina, visto que, na maioria das vezes, essas mulheres futuramente vão amar com muita intensidade a si mesma e, quando houver escolha de parceiro, seu interesse maior será no amor que estes dedicarão a elas. Assim estas não darão ao homem a mesma intensidade de amor depois de algum tempo (Freud 1914).

A crise passa a existir quando o homem não consegue “suprir” esse amor que sua parceira espera que ele se dedique a lhe dar. Muito porque a mulher passa a ser só receptora e esperar atitudes do esposo. Enquanto o marido não se tem pronto para essa troca de sentimentos, pois não teve uma base fortemente construída quando mais novo. Tudo feito de forma inconsciente e só percebido depois de algum tempo de relacionamento. Onde a convivência passa a pesar, duas pessoas distintas, com vivências e criações distintas se veem obrigadas a encontrar um meio termo para educar e passar para sua filha, como no caso do casal em análise. As brigas vinham sendo constantes não só pelo choque de ideias e princípios, mas pela sobrecarga que ambos estavam sentindo nas costas por levar um casamento que não estava dando certo, até então.

Nas situações de relacionamentos que apresentam lacunas de inconsciência, onde se observa a falta de diferenciação com o outro e a identidade inconsciente com ele, pode acontecer de a consciência se achar mais próxima a processos instintivos. Na prática, essa situação, mais voltada a processos ligados ao inconsciente, faz com que se suponha no outro uma estrutura psíquica

semelhante à própria, é quando acontecem as projeções. Projeta-se, no outro, conteúdos próprios e que se supõe serem do outro. Isso pode provocar atrações ou repulsões exageradas pelo parceiro (C. Jung 2002).

Criamos projeções nossas nos nossos parceiros, que muitas vezes não existem, mas criamos pra justificar nosso comportamento repulsivo ou exacerbado de afeto. Imaginando semelhanças como: “Somos iguais por gostar das mesmas coisas, termos o mesmo hábito de acordar cedo e repudiar política.”. O que, de certa forma, pode até existir, mas não leva um relacionamento pra frente. E, obviamente, não faz com que as pessoas se tolerem mais ou menos dentro de uma relação à dois. Igualdade nem sempre é tão saudável também. É importante saber como esta projeção está sendo passada e se seus conteúdos são relevantes e existentes na característica do outro. Pois, mas uma vez o nosso inconsciente fala mais alto e faz com que acreditemos que a situação está sob controle.

Quando estamos à procura de alguém, não pensamos em buscar nesta pessoa semelhanças com nossos pais, mas acontece. Somos atraídos por alguma coisa – seja ela o que for – que faz com que a gente acredite que encontramos a pessoa certa e a partir daí já criamos uma ligação. As semelhanças sempre vão existir, mas também podem acontecer ligações em que nos identificamos com o oposto de nossos cuidadores. Por pura rebeldia ou simplesmente por nos sentirmos no controle da situação, já que com os pais não acontece o mesmo poder de escolha.

**Metodologia:** Para a realização deste trabalho, optou-se pelo estudo do tipo descritivo e exploratório, caracterizado como relato de experiência, construído através de leitura complementar e da prática em estágio no campo de Terapia Familiar realizadas

durante o tempo de práticas na disciplina de Enfermagem nos Transtornos Mentais I, do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco. Esta prática teve como objetivo principal, a análise e reflexão sobre os problemas mais comumente encontrados dentro de um lar, a consequência deles (muitas vezes nos filhos) e a solução conjunta buscada na terapia. Quanto à leitura complementar, busquei em artigos científicos um complemento mais elaborado sobre o que eu buscava e pensava sobre a temática abordada.



**Resultados:** A conscientização dos motivos da crise, leva ao esclarecimento dos sofrimentos causados pela atuação de conteúdos inconscientes presentes no casamento. Com a passagem para a consciência dos conteúdos e fatos até então desconhecidos, pode-se fazer algum tipo de alteração nos mesmos. Esperando assim, melhorias neste relacionamento. O sofrimento, se ainda persistir, terá um sentido e será verdadeiro (C. Jung 2002).

Ou seja, a busca do conhecimento dos pacientes sobre o principal fator de brigas e desentendimentos, é fundamental para que haja alguma melhora. Só entendendo o que se

passa no inconsciente e como isso afeta as nossas escolhas e atitudes, pode-se trabalhar nele e passar a ter o controle de algumas situações.

A prática no campo de Terapia Familiar foi muito construtiva e despertou em mim muitas reflexões sobre o tema. O casal vinha muito mal estruturado e não estavam conseguindo lidar mais com a vida de casados, que havia piorado muito depois da chegada da primeira filha do casal, de seis meses. Mas que, após iniciar na terapia, sentiam-se mais unidos e esperançosos em se dar uma nova oportunidade para dar certo e conseguirem criar a filha juntos. Também para que pudessem demonstrar diariamente o que ainda sentiam um pelo outro. Que estava ficando escanteado, diante dos problemas que foram surgindo. O marido ainda falou sobre tentar uma reaproximação e perdoar a mãe internamente, para que não acontecesse o mesmo que aconteceu com o pai, quanto a ter o perdido recentemente sem que houvesse a oportunidade de perdoar e ser perdoado. Pois se emocionou ao falar do ocorrido e, relatou carregar um sentimento de amargura e culpa por não estar ao lado do pai quando o mesmo precisou.

Ao alcançar a consciência, o ego deixa para trás a indiferenciação entre ele e o outro, dessa maneira alguém é consciente de si mesmo quando se discrimina se separa, do outro (C. Jung 1991).

Só após ter a consciência quanto a parte inconsciente na escolha, o marido pôde se analisar individualmente e ter consciência de que, muito do que estava afetando o casamento, foram problemáticas trazidas com ele desde a infância. Que a sobrecarga para que a esposa se destacasse como mãe, foi por medo que ela falhasse em cumprir o papel que estava sendo dado ou que, de alguma forma, ele passasse a enxergar nela algo de ruim que carregava na imagem da mãe dele. A esposa,

por sua vez, não estava satisfeita com a indiferença do marido, a falta de diálogo dos dois, as brigas na frente da filha e a piora do tratamento deles dentro de casa desde a chegada da filha. Já que a esposa sempre foi tão presente e estava se vendo mais fechada a isto, pois o marido não vinha dando abertura e sempre se mostrando muito impaciente. Ambos perceberam que o que antes era identidade um com o outro, passou a ser diferença entre eles e que estavam vindo à tona como desigualdade em vários âmbitos.

**Conclusão:** Com este tema que escolhemos escrever e analisar, encontramos algumas dificuldades, pois nos vimos diante de teorias muito complexas, porém essenciais para dar o direcionamento de ideias que buscávamos. Acreditamos que muitos já se viram diante de questionamentos como: “porque ele (a) é tão parecido com meu pai ou mãe?”. Sabendo que a grande maioria das pessoas tende a escolher, inconscientemente, parceiros que tem alguma relação emocional ou características ligadas ao passado, imagina-se que boa parte destas relações possa ter algum problema futuro. É muito importante a busca de um terapeuta familiar para entender como a busca pelo parceiro escolhido é em prol da substituição de nossos cuidadores – se as características buscadas estão sendo feitas de forma saudável ou se está vindo pra substituir uma ausência ou deficiência sentimental.

A relação com o terapeuta permite e estimula a reativação de toda a problemática internalizada, reavaliada pelo próprio paciente na relação com o psicoterapeuta. Este, por sua vez, deverá ajudar a pessoa a ir tomando consciência do que está a acontecer naquele momento na relação entre os dois, e eventuais ligações que isso pode ter com figuras e padrões relacionais do passado. A identificação das vivências internas da pessoa conduz à internalização gradual desta nova experiência relacional e simultaneamente à

dissolução das experiências relacionais patológicas.

### **Referências:**

Jung, C.G. (2002). *O desenvolvimento da personalidade*. (V. Amaral, trad.; 8ªed). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1910).

(1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18.

BEE, Hellen. O ciclo vital. Porto Alegre: Artmed, 1997.

RAPPAPORT, Clara Regina (Coord.). Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais. São Paulo: EPU, 1981a. v. 1.

RAPPAPORT, Clara Regina (Coord.). Psicologia do desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência. São Paulo: EPU, 1981b. v. 4.

(1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

[Http://psisalpicos.blogspot.com.br/2014/01/quando-o-passado-inconsciente-dita.html](http://psisalpicos.blogspot.com.br/2014/01/quando-o-passado-inconsciente-dita.html)

Jung, C.G. (1991). *Tipos psicológicos*. (L. M. Orth, trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1920).